



1715
1716
1717

1718
1719

EVA, E AVE,

OU

MARIA TRIUNFANTE

THEATRO DA ERUDIÇAM,

& Fillosis Christiã

Em que se represent. os dous estados do Mundo

CAHIDO EM EVA,

E LEVANTADO EM

A V E.

João de Barros

EV A, E AVE,
OU
MARIA TRIUNFANTE
THEATRO DA ERUDIÇAM,
& Filofofia Chriftã.

Em que fe representaõ os dous estados do Mundo:

EV A, E AVE,
OU
MARIA TRIUNFANTE.
THEATRO DA ERUDIÇAM,
& Filofofia Chriftã.

Em que fe representaõ os dous estados do Mundo:

CAHIDO EM EVA,
E LEVANTADO EM
AVE.

D. Fran. do S. J. de S. J. de S. J.

ANTONIO PEDROZO GALRAM.

MARIA TRIUNFANTE

EVA. EVA.

OU

MARIA TRIUNFANTE

THEATRO DA ERUDICAM

& Filoloſa Chriſta

Em que ſe representa os bons eſtados do Mundo:

CAHIDO EM EVA

E LEVANTADO EM

A V E

Handwritten signature or mark

EVA, E AVE,
O U
MARIA TRIUNFANTE.
THEATRO DA ERUDIÇAM,
& **Filofofia Chriftã.**

Em que fe representaõ os dous estados do Mundo:

CAHIDO EM EVA.
E **LEVANTADO EM**
A V E.

PRIMEYRA, E SEGUNDA PARTE,

OFFERECIDA

AO EMINENTISSIMO SENHOR

NUNO DA CUNHA DE ATTAIDE,

Presbytero Cardeal da Santa Igreja de Roma, Bispo In-
quisidor Géral, Capelaõ mór de S. Magestade, do feu
Conselho de Estado, & do feu Despacho, &c.

ESCREVIA

ANTONIO DE SOUSA DE MACEDO

Accrescentado nesta quinta impressaõ com o Dominio sobre a Fortuna.



26.I.971



LISBOA OCCIDENTAL,

25128 of

Na Officina de **ANTONIO PEDROZO GALRAM.**

M.D.CCXXXIV. 1734

Com todas as licenças necessarias, e Privilegio Real.

A' custa de Miguel de Almeйда de Vasconcellos, Livreyro das
Tres Ordens Militares.

Sala CF
Est. H
Tab. 9
Nº 20

EVA. E. A. V. E.

MARIA TRIUNFANTE



THEATRO DE S. JOSE
& Filotes Christa

Em que se representa a
Sta. Joana de S. Joana

CALIDO E M. V. E.
E LEVANTADO EM

A V E

PRIMEIRA, E SEGUNDA PARTE,

OFFERECIDA

AO EMINENTISSIMO SENHOR

NUNO DA CUNHA DE ATTAIDE.

Presbytero Cardinal da Santa Igreja de Roma, Bispo In-
quiditor Geral, Capellaõ mor de S. Magalhães, do seu
Conselho de Estado, & do seu Despacho, &c.

ESCREVIA

ANTONIO DE SOUSA DE MACEDO

Accrescentado nesta quinta impressõ com o Dominio sobre a fortuna.



LISBOA OCCIDENTAL.

Na Officina de ANTONIO PEDROZO GALRAM.

M.D.C.C.XXIV.

Com todas as licenças necessarias, e Privilegio Real

A' custo de Miguel de Almeida de Vasconcellos, Livreiro das
Tres Ordens Militares





EMINENTISSIMO SENHOR.

P

A R A este livro fahir a luz da quinta ediçaõ, & fazer no applauso commum mayor theatro á gloria de seu Autor, naõ devo buscarlhe outro patrocínio, mais que o grãde nome de V. Eminencia, cuja poderosa protecçaõ, dignando-se de o admittir ao seu amparo, o authorizará em todo o Mundo com hũ novo augmento de esplendor na fama, & a mim me honrará com o titulo dos que tem o caracter de criados de V. Eminencia, a quem inclinandome com hum profundissimo respeyto, beyjo a sagrada Purpura.

De Vossa Eminencia

Humilissimo, & obedientissimo servidor

Miguel de Almeyda de Vasconcellos.

CAPITULO XLIII.

Conclue se geralmente quam falsos são todos os gostos, & passatempos da vida, & quam desordenado o amor que a ella temos.

Muytos Santos, & Sabios ¹ desenganaraõ os homens de outros imaginados contentamentos, mostrando em todos mais pezares, que prazeres, mais penas, que alivios, & muytos inconvenientes para a mesma vida, q̄ com elles se procura regalar; vestem-nos de festa com ferro de castigo; são moeda falsa, pirola dourada, Sereas com rosto de mulheres fermosas, escondendo nas aguas da tribulaçaõ o feyo de peyxes, como Frictionio que inventou andar em coche por cubrir os pès que tinha de dragaõ; ² ou como o Grego, q̄ porque tinha só hum olho, sempre se fazia retratar de perfil. Tomamos por gosto (nota Santo Agostinho ³) o que nos ha de fazer chorar, como os que vaõ ver tragedias de caõs que movem a compayxaõ, gossaõ chorando, & amaõ as lagrimas, misturaõ o riso com a dor, como diz Salamaõ; ⁴ como lançado vinho, & agua em vaso de pào de hera, se escoa o vinho, & só fica a agua: ⁵ assim o mundo escoa o prazer, & só fica o pezar. ⁶

² Trata-nos com aquelle banquete do Emperador Domiciano, quando celebrou as exequias de humas legioens que os inimigos mataraõ. Fez tapeçar de negro huma grande sala, & cobrir de negro os assentos, & quanto estava nella, & tambem a mesa em que se havia de cear. De repente, & de noyte madou chamar os convidados sem saberem para que; chamados por hum tyranno de noyte se deraõ por mortos; mas cheyos de angustias naõ puderaõ deyxar de hir: no Paço os fizeraõ entrar hum, & hum na negra sala, & que se assentassem à triste mesa. Trouxe-se a cada hum por primeyro prato hũa columna negra em fõrma de sepultura, & nella o seu nome gravado com letras; entaõ se deraõ por já sepultados: entraraõ pequenos moços todos nus, & negros, dançando com taõ horriveis gestos, que pareciaõ demonios. Acabada a dança se deytaraõ aos pès dos convidados, continuando os mesmos gestos para lhes meter pavor, vieraõ as iguarias em pratos negros; os copos, & toda a bayxela era da mesma cor; os cõvidados se olhavaõ sem fallarem; forçavaõ-se a comer com medo do Emperador, que estava presente, attentando o que faziaõ. Praticava elle com os criados em homicidios, & crueldades. Acabadas as iguarias, de que se comeo pouco, só por cerimonia, se lhes deu licença para se irem, porèm acompanhados de homens que naõ conheciaõ, o que ainda os naõ confiava. Quando se viraõ em suas casas, atrancaraõ as portas, & naõ cessavaõ de dar graças aos Deoses.

Mas

¹ Inter quos D. Chrysof. serm. contragul. & ceter corp. volupt. tom 5. Petroncha in dialog de prosper. fortun Fr. Heitor Pinto tom. 2. dial. ult. dos verdadeyros, & falsos bens. Fr. Diogo de Esteila no livro da vaidade do mundo.

² Vianna no comment. a Ovid. Metam l. 2 n. 40.

³ D. Aug. Conf. ff. l. 3. c. 2. Gaudens lacrymatur: lacrymæ ergo amantur, & dolores.

⁴ P. overb. 4 13. Ritus dolore miscbitur, & extrema gaudii luctus occupat.

⁵ Pier Valerian. in hierogl. bide. 72

⁶ Nota Fr. Heitor Pinto d. tom. 2. dial. 5. c. 16.

Mas dentro de hum quarto de hora lhes batêraõ às portas em recado do Emperador. Abriraõ assustados, & achãraõ presentes que lhes mandava; nunca se virão presentes taõ pouco agradecidos; nem os presenteados os desejarão outra vez, posto que fossem os mais preciosos.

3 Quem naõ vê neste o retrato dos banquetes que o mundo nos dà? As iguarias acompanhadas de temores; muyto falgadas a quem lhes toma o labor: 7 se he iguaria contra a Ley de Deos, os demonios a fervem com danças, & em quanto se come, se pratica da morte eterna dos que estaõ comendo; se-jaõ banquetes de Cleopatra, ou delicias de Sardanapalo, tem mais de amargofo, que de doce. Antes tudo he amargofo, porque o doce he a imaginaçaõ do que tinha por seus os navios que entravaõ no Porto Pireo, & era rico de sua loucura; o frenesi de nossas payxoens nos representa essas quimeras; fallamos dellas, como de realidades, mas os que estaõ com juizo, conhecem que saõ discursos de febricitante. Que differença! Joseph, quando Deos lhe mostrou a ventura que teria; 8 Salamaõ quando o *Senhor* o dotou de felicidades; 9 Saõ Pedro quando o Anjo o livrou do carcere, 10 cuydavaõ que eraõ sonhos: que os bens do Ceo, ainda que nos pareçaõ sonhados, saõ verdadeyros; aquelles de que falla Isaías, 11 cuydavaõ que possuhiaõ, mas sonhavaõ; que os bens da terra, parecendo verdadeyros, saõ sonhados; sonhos na noyte da razaõ, que tanto que desperta, se acha sem os thesouros que sonhava possuir. Se fizermos reflexaõ no passado, naõ acharemos differença entre os sonhos de quando vigiavamos, & os sonhos de quando dormiamos; & os homens daõ mais credito a sonhos, que a realidades; por isso Deos quiz com hum sonho (alheyo) confirmar a Gedeã na vitoria, que em realidades lhe mostrãra: 12 o Evangelista Saõ Mattheos diz, 13 que o demonio mostrou a *Christo* Senhor nosso de cima de hum monte todos os Reynos do mundo, & a gloria delles; naõ lhe podia mostrar isto, senaõ representado no ar; & com tudo a letra do Texto diz que lho mostrou, porque em effeyto os Reynos, & gloria do mundo tudo he ar. 14 A gentilidade antiga em hum mesmo templo venerava a *Volupia*, que tinha por Deosa dos prazeres, & juntamente a *Angerona*, que chamava Deosa das agonias. Que confuso he o gosto dos homens! 15 o que parece mais certo, he preambulo do mayor mal: Samsaõ se perdeo entre os afagos de Dalila: 16 Sifara bebeo a morte no leyte que lhe apagou a sede: 17 Holofernes deyxou a vida nas delicias em que se imaginava: 18 Balthasar vio sua destruiçaõ por ultimo prato de seu esplendido banquete: 19 escusaõ-nos de mais exemplos nossos primeyros pays, que comêraõ a ruina mayor no pomo, que gostãraõ para se exaltarem. 20

4 Sobre tantas experiencias, em nada reparamos por che-

7 *Seneca de brevitate vitæ. l. 6. Ipsæ voluptates eorum trepidæ, & variis terroribus inquietæ sunt.*

8 *Genes 37.6. Audite somnium meum.*

9 *3. Reg. 3.5. Per somnium nocte.*

10 *AB. 12.9. Existimabat se visum videre.*

11 *Isai 29.8. Sic somniat esuriens.*

12 *Judic 6. ex n. 36. & c. 7. ex n. 11.*

13 *Matth. 4.8. Ostendit ei omnia Regna mundi, & gloriam eorum.*

14 *Ita Pater Sylveyr. in Euang. tom. 1. l. 3. c. 3. q. 32. n. 251. Nec enim alia sunt divitiæ ac honorem mundi, nisi tantum apparentes.*

15 *Maerob Saturn. l. 1. Joet. 1. 12. Consuetum est gaudium à filiis hominum.*

16 *Judic. 16. 19.*

17 *Judith 4. 21.*

18 *Judith 13. 10.*

19 *Daniel 5. 30.*

20 *Genes. 3.*

chegar ao q̄ temos por deleyte. Somos como aquelle, a quem os Medicos differaõ, que perderia a vista se continuasse a ufar do vinho, & escolheo perdella; caminhamos ao appetite, sem advertir nos perigos que nelle nos cercaõ; como o de que Santo Antonio 21 conta, que fugindo de huma serpente, & cahindo em huma profunda cova, pode pegar-se a huma arvorezinha que estava na entrada, & pôr os pès sobre hum torraõ; ao pè della andavaõ bichos que a rohiaõ; no fundo estavaõ Leoens famintos; & elle vendo em hum ramo mel que alli fabricaraõ abelhas, se poz a comer delle com vagar; & entretanto acabaraõ os bichos de cortar a tenra arvore, & o miseravel cahio a ser tragado de Leoens.

5 Tudo he dizer que procuramos passatempo, como se elle não passára sem o procurarmos, & se queremos que passe, para que o pedimos? se o desejavamos, já o temos; façamos o para que o desejamos. Deviamos desejallo para o que nascemos, que he para cousas grandes; 22 se as não fazemos, sobejanos a vida; para que a queriamos mais larga? queyxamonos de que he breve, & a fazemos mais breve gastando-a mal; se falta para o que queriamos, não falta para o que necessitamos; Deos a ajustou com a necessidade, não com o appetite; como ajustou o estomago com a temperança, & não com a gula; bem distribuida, não será curta: como a fazenda desperdiçada sempre he pouca, bem dispensada he bastante. Na segunda parte diremos disto mais. 23

6 Eu não sey (dizia o grande Padre São João Chrysofostomo 24) donde, ou porque razão se poz o nome de *delicias* ao que o não he; antes se faz tanto mal; deve ser, porque o mundo até nos nomes erra; se por força havemos de viver em afflicções, porque não escolhemos as que nos sirvaõ de coroas? 25 Somos como alchimistas, que sempre trabalhaõ por fazer ouro, & quando cuydaõ que o tem, se achaõ mais pobres, & com a vista gastada.

7 Mas seja embora verdadeyro quanto na vida estimamos; não he labareda em estopa? entre o mesmo gosto estamos com o cuydado de quanto durará. 26 Dure embora por algum tempo; não basta haver-se de acabar para lhe tirar a estimação? Bellissimas são as flores com que se lavraõ os tapizes do prado, para alcatifarem as galarias de Abril; ou joyas fragrantas com que se orna a Primavera ao romper do dia; mas abate seu valor a pouca duração. Bello he hum rosto, que parecendo mais que humano encanta a vista, passa com doce violencia a render o coração, & transforma em si as almas como o nosso Poeta disse; 27 mas desacredita-lhe divindades estar fugeyto ao tempo lavrador, que lhe fará regos nas faces, & semeará de neve a cabeça. Bella he a noyte coroada de Estrellas, com manto de sereno azul; mas perde o preço, porque ao sahir do Sol desaparece sua pompa. Bellissimas são essas Estrellas, pre-
garia

21 Apud Fr. Heytor Pinto p. 2. dial. 1. c. 2.

22 Cicer. offic. 1. relatio sup. c. 37. n. 3.

23 P. 1. c. 53. à n. 2.

24 D. Chrysofost. hom. 54. ad pop. Antioch. p. op. fin. & plura dicit se. m. de vanit. & brevis. pres. vi. tom. 5.

25 Idem hom. 26. post m. d. ad Epist. post Paul. ad Cor. int. c. 12.

26 Senec. de brev. vit. c. 16. Subitque cum maxima exultatione, sollicita cogitatio: hæc quandiu?

27 Camoens Lusad. cant. 3. est. ult. Que em si está sempre as almas transformando.

ria dourada da architectura do Ceo, ou flores luminosas daquelles campos de çafir; mas tem a desgraça de as escurecer a manhã que tudo o mais alumea, & de haverem de cahir no tremendo dia. 28 Bella a Lua cheia, que veste de claridade a escuridão, & pratea as nuvens; mas porque ha de minguar, não logra os encomios do Sol. Que cousa mais bella que o Sol, 29 thesouro da luz, dispenfeyro das riquezas, Mordomo mór do mundo, relogio do universo, medalha da effigie do summo Rey? mas diminuelhe a gloria hum vapor da terra, a opposição de huma nuvem, o accidente de hum eclipse, o sepultarse cada dia no Occaso, & haver de faltar no fim do Mundo, 30 (se bem renovados os Ceos refuscitará mais luzente. 31) Se o mais vistoso da terra, o mais resplandecente do Ceo, o mesmo Sol, avò dos dias, pay dos mezes, esposo do anno, irmão do tempo, emulo da eternidade, porque se ha de acabar, perde a graça: que graça achamos em gostos, posto que verdadeyros, tanto menos duraveis?

8 O Mundo não nos engana, pois nada nos faz occulto; os mesmos gostos nos defenganaõ, pois, não nos satisfazendo, mostraõ que não symbolizaõ com a nossa Alma; nossa maldade mente a si mesma, 32 cerrando os olhos ao que vê, & os ouvidos à verdade; só David 33 a conheceo, quando à terra tão povoada de homens, tão cruzada de estradas, & tão abundante de rios, chamava deserta, sem caminho, & secca; porque nem achava homem que o consolasse, nem caminho q o guiasse, nem agua que lhe mataste a sede: tudo eraõ apparencias; pelo que exclamou: *Homens, atè quando fereis duros de coração? para que amais a vaidade, & buscais a mentira?* 34 Somos como a escrava de Seneca, que se queyxa va que era a casa escura, sendo a verdade que era cega. 35

9 Parece que fica bastantemente mostrado o erro que acima 36 propuzemos do entendimento, no excessso com que amamos a vida. Porém lembrame que Hegias Filosofo tomou por assumpto prègar os males da mesma vida, & a bemaventurança da morte: & persuadio a muytos a se matarem; pelo que os Magistrados lhe prohibiraõ fallar em publico naquella materia; mas elle nunca se convenceo a si, pois não se matou: creyo que folgava de viver; eu não quizera ser comparado àquelle Rhetorico. Digo que meu assumpto não he que a vida, gostos, & passatempos della se não amem; he que se amem ordenadamente; o modo nos ensinou Christo Senhor nosso quando nos levantou à graça, como veremos na segunda parte. 37



28 Marci 13 15.

29 Ecclesiast. 17.30. Quid lucius dius Sole?

30 Ecclesiast. sup. Et qui deficiet: 31 I/ai. 30.26. Et lux Solis erit septemplexiter.

32 Pf 62. v. 18. Mentita est iniquitas sibi.

33 Psalm. 62. v 3. In terra deserta, & in via, & in aqua.

34 Psalm. 4. v. 3. Filii hominum usquequo gravi cordi? ut quid diligitis vanitatem, & queritis mendacium?

35 Mar 19v. Rizo na vida de Seneca pag. mibi. 110.

36 Sap. c. 32. in fine, & c. 36

37 P. 2. c. 55.

CAPITULO XLIV.

Que o entendimento não conhece as riquezas, & os homens as fazem prejudiciaes, podeno ser uteis.

R Esta mostrar o erro do entendimento nas riquezas; como acima i propuzemos. Todos os homens as estimão, ainda os Filozofos mais severos, não só pelo que contribuem às delpezas de huma vida alegre, mas também pelo que grangeão de opiniaõ, como acima já mostrámos; 2 só ao rico (disse Santo Ambrosio) tem o Mundo por digno de honra. 3

O certo he, como notou São Bernardo, 4 que as riquezas de si não são boas, nem más. Socrates, & Ariltonimo 5 as comparãõ ao vinho, que toma da vasilha em que o lançaõ, nos bons (dizia Santo Ambrosio 6) ajudaõ a virtude, nos mãos a impedem. Nas mãos de Job, Abraham, Isaac, Jacob, David, Berzellai, Josaphat, Ezequias, Joaquim. Zaqueo, Joseph Arimatheo, São Gregorio, & outros Santos, foraõ virtuosas: nas mãos do Rico avarento, do que se jactava com sua alma do muyto que tinha, & do Principe que consultou com Christo sua salvaçaõ, foraõ viciosas. E assim a este as permittio o Senhor em certa maneyra: 7 o avarento não se condenou por ser rico, mas por não socorrer ao pobre Lazaro: 8 nem o jactancioso por cultivar, & encelleyrar, mas por confiar no que tinha, & não tratar de Deos. 9 Pithagoras as comparava ao cavallo que necessitava de freyo que o governe, 10 & Aristippo Filozofos reprehendido de acceytar dinheyro, respondia, que o acceytava para ensinar aos amigos como se havia de usar delle. 11

3 Qualificaõ-se em quatro tempos, ou partes; no desejo, na acquisiçaõ, no uso, & na perda, se succede. Em todos errãõ os homens ordinariamente, fazendo-as prejudiciaes, como disse Plataõ. 12 Daqui vem o que Salamaõ 13 notou, que huns repartem o proprio, & se fazem mais ricos: outros tomaõ o alheyo, & sempre são pobres.

4 Errãõ no desejo. Porque não faltando ordinariamente a Providencia Divina a cada hum com o necessario conforme o seu estado, todos desejaõ mais para luxo, vã gloria, & appetites, & se tal vez o desejaõ para o necessario, devera ser o desejo moderado com prudencia; 14 porèm costuma ser desvelado em co-biça. Alguns anelaõ o dinheyro, só porque naturalmente o amaõ; o que he a cousa mais iniqua, 15 & mostra o mais abatido animo. 16 Por huma, ou outra cousa o procuraõ com tanta fome, que nada deyxarãõ de obrar por lhe satisfazer. 17 A Rainha Semiramis poz no seu sepulchro hum letreyro que dizia: *Qualquer Rey que necessitar de dinheyro, abra este sepulchro,*

1 Supra c. 32. in fine

2 Supra c. 18. n. 6. & 7.

3 D. Ambrosii. offic. 2. Nemo nisi dives, honore dignus reputatur.

4 D. Bernardi. serm. 4. de Adventu Domini in princ. Seneca etiam ep. 29.

5 Apud Maxim. serm. 12.

6 D. Ambrosii. in Luc. velatus à Babaditta in Polit. l. 1. c. 11. n. 24. Sicut divitiæ sunt impedimenta improbis, ita probis sunt adjuncta virtutis.

7 Matth. 19. 16.

Luc. 18. 18.

8 Luc. 16. à n. 19.

D. Chrysostomi. hom. 55. ad pop. Antioch. Non enim quoniam dives fuerat puniebatur, sed quoniam miseriam suam non exhibuit.

9 Luc. 12. 21. Sic est qui sibi thesaurizat, & non est in Deum dives. Beda in gloss. sibi.

D. Augustini. sup. Psalm. 61.

10 Apud Stob. serm. 92. & serm. 3. de tempor.

11 Apud Lactantii. de vit. Phil. l. 2. c. 8.

12 Plat. apud Stob. serm. 92. Scienibus quomodo divitiis utendum sit, divitiæ commodæ sunt, improbis verò, & imperitis malæ.

13 Prov. 21. 24. Alii dividunt propria, & ditiores fiunt; alii rapiunt non sua, & semper in egestate sunt.

14 Prov. 21. 2. Noli laborare, ut diveris, sed prudentiæ tuæ pone modum.

15 Eccl. 10. 10. Nihil est iniquius quàm amare pecuniam.

16 Cic. 1. offic. Nihil est tam angustius, tamque parvi animi, quàm amare divitias.

17 Virg. Æneid. 3.

Quid non morsalis pectora cogis, auri sacra fames.

& tome o de que necessitar. Dario o abriu, & em lugar de dinheyro achou em outro letreyro: *Se não foras mão homem, & abrazado de insaciavel cobiça, não abrias os cofres dos mortos.* Taes hydropicos se fazem contemptiveis: 18 que cousa mais vil, que hum homem venal? hum escravo se envergonha quando o vendem na praça, & he sem culpa sua: o cobiçoso voluntariamente se vende em todo o lugar, & occasião em que pôde adquirir; & de todos se faz escravo, porque o he de seu desejo; imagina que em qualquer parte vê dinheyro, & se arremeça pelo alcançar: como hum doudo que vê fantasias, & não realidades. Quem tanto faz por dinheyro, he tragado delle, como Origenes 19 considerou.

5 Erraõ na aquisição que devèra ser justa; do que resultariaõ quatro effeytos: estar o acquirente alegre com a consciencia segura: 20 viver honrado sem murmuraçãõ: 21 lograr elle, & seus filhos o adquirido; 22 & ainda augmentallo. 23 & succedendo perda, a sentir menos, 24 porque sente só a fazenda, & não os meyoos porque a alcançou. Porém poucos repãraõ em meyoos illicitos, & menos repãraõ os mayores; antes se costuma avaliar por inutil, ou descuydado o q se não aproveyta de todos. Estes, diz Santo Ambrosio, 25 enterraõ nos seus cofres os pobres que matãraõ a punhaladas de roubos. O fangue dellas mostrou em Veneza o Veneravel Padre Frey Mattheos de Bassy, Author da Reforma dos Capuchinhos Barbados, que convidado de hum Ministro a jantar, lhe estranhou estar a mesa cuberta com toalhas cheas de fangue; & dizendo-lhe o Ministro, que se enganava, porque estavaõ muyto limpas, o Santo Varaõ espremeo dellas tanto fangue, que trouxeraõ hum vaso para o tomar. 26 Estes mortos, como os que São Joãõ vio no Apocalypse, 27 clamaõ: *Atè quando, Senhor Santo, & verdadeyro, dilatais o julgar, & vingar nosso sangue?* E Deos responde: *Que se aquietem ainda hum pouco, atè que chegue o tempo.* No anno sete centos & vinte da fundaçãõ de Roma em Sicilia na Cidade de Palermo, huma tarde do mez de Agosto cõ tempo sereno, estando os Cidadãos celebrando com festas, & banquetes a pilhagem, que seus piratas haviaõ feyto em huma frota de Numidas, appareceo sobre hum carro tirado por dous Leões, & seguido por dous Ursos, hum pequeno homem disforme, com hum só olho no meyo da testa, calvo, com cornos de cabra, sem pescoço, o braço direyto mais comprido que o esquerdo, as mãos redondas, como pê de cavallo, deyxando-se ver tudo isto no vagar com que passeava. Debayxo delle sabia fogo, que ameaçava incendio géral. Dos que o viaõ, huns cahiaõ pasmados, outros fugiaõ para os Templos, muytas mulheres mal pariraõ: tudo eraõ gritos, accrescentados com o rugido dos Leões. Parou este fantasma diante do Paço do Governador Solino, aonde os piratas estavaõ com a preza. Alli cortou huma orelha a hum dos Leões: com o fangue della es-

18 *Isocrat. ad Demost. Contemne illos, qui uimum dant opes, & divitiis.*

19 *Orig. hom. 19. in Levit.*

20 *Habac. 2. 4. Justus autem in fide sua vivit.*

D. Paul. ad Corint. 3. 7. ad Galat. 3. 11. ad Hebr. 10. 28.

21 *Psal. 111. v. 7. Ab auditione mala non timebit.*

22 *Proverb. 7. Dominus autem justi permanebit: Eccl. 10. 7. Beatos pest te filios derelinquet.*

23 *Ecclesiast. 20. 30. Ipse exaltabitur.*

24 *Prov. 11. 11. Non contristabit justum quidquid acciderit.*

25 *D. Amb. of. 2. offic. c. 16. Cave ne intra loculos tuos includas salutem inopem, & tamquam in tumulis sepelias vitam pauperum.*

26 *Zachar. Bover. in annal. Frat. Minor. Capuccin. ad Christ. 1552. rel. 28.*

27 *Apocalyp. 6. 8.*

Q

creveo

creveo na porta da Cidade, & se retirou a hum monte chamado Jamicio, que estava perto, & nelle podia ser visto. Ninguem entendeu a escriptura, senão hũa mulher, que se prezava de interpretar os oraculos; disse que cada letra era principio de hũa palavra, & que todas diziaõ: *Restitui os bens alheios, se quereis conservar os vossos.* Isto socegou hum pouco ao povo, entendendo que só ameaçava aos piratas; mas estes não se reduzirão. Levantouse huma horrivel tempestade, que durou tres dias, estando sempre aquelle demonio em cima do monte, até que delle sahio huma labareda, que abrazou o Paço, & quanto estava dentro. Que outra cousa podem esperar os piratas da terra? diz hum grave Escriitor; 28 podem estar certos em que não ha de faltar a justiça do Ceo, se faltar a dos homens.

6 Succedem-lhes outros quatro effeytos contrarios aos que se lograõ na aquisição justa. Andão carregados na consciência, bicho, q̄ roe o interior; 29 trazem, como dizia Democrito, 30 hum lambenito de infamia, com q̄ são notados, posto que imaginem q̄ passaõ authorizados por qualidade, ou pompa; elles, & muyto menos seus filhos, não lograõ o mal adquirido, 31 como se vê cada dia por exemplos: disse Triverio, 32 que são plantas, q̄ crescendo com pressa, duraõ pouco; antes se costuma dizer, q̄ o mal ganhado leva o bem ganhado; tudo se estraga em jogo, lascivias, gula, vaidades, edificios inuteis, casos da fortuna, ou por outros meynos insensiveis; só vemos que duraõ as casas antigas fundadas em virtude: finalmente succedendo as perdas que as occasioens trazem, & o peccado provoca, sentem-se tambem a da honra, & da alma, que o mal adquirido custou.

7 Por isto disse Salamaõ, 33 que melhor he pouco com justiça, que muyto com iniquidade: & Solon Gentio: 34 *He verdade que desejo riquezas, mas não quero alcançallas por injustiça, porque se segue castigo.* E entre as felicidades de Lucio Metello se conta 35 que adquirira muyto por bons meynos, & muytos Christãos não reparaõ nelles.

8 Possuindo-se já as riquezas, se erra no uso, a que chamou Chilon, 36 pedra de tocar, em que se examinaõ os homens. As riquezas influem soberba 37 nos nescios, como no cavallo Bucefalo, que enjaezado ricamente, não soffria que o montasse se não Alexandre, & sem jaez a todos consentia: 38 servem à execuçaõ de appetites; 39 acrescentaõ cobiça; 40 atrevem-se ao mal; acobardaõ-se para o bem; humilhaõ-se aos cuydados; vãgloriaõ-se nos gostos; envilecem-se na providencia; 41 são inimigos dos bons costumes; 42 raramente acompanhaõ a virtude. 43 Diogenes dizia, que esta nem morava nas Cidades, nem nas casas ricas. 44 Com tantos males destruirão a muytos particulares, 45 & a grandes Imperios, 46 como se notou 47 no Romano. Erra-se nellas por varios caminhos.

9 Ha idolatras das riquezas; 48 idolatras (diz São João Chryfostomo 49) peyores que os outros; porque os outros

sacri-

28 P. Lyciscus na Philof. Christ. p. 1 e 40.

29 Psalm. 50. v. 5. Græc. Adag. Conscientia animum verberat.

Senec. ep. 97. ad finem.

30 D. moeris. apud Stob. serm. 90. Divitiæ malis artibus comparatæ, infamæ nota inter homines infigmuntur.

31 Psalm. 10. v. 38. Injusti autem disperibunt simul.

Hierem. 22. 17. Mæ qui ædificant domum suam in injustitia.

32 Triver. apophthegm. 92.

33 Proverb. 16. 6. Melius est parum cum justitia, quam multum cum iniquitate.

34 Solon apud Cels. l. 20. c. 25.

35 Cælius ibidem.

36 Chilon apud Fulgos. l. 7. c. 2.

37 D. Aug. Ser. 24. Difficile est ut non sit superbus dives.

38 Plin. l. 8. c. 42. in p. inc.

39 Plat. apud Stob. Serm. 90.

Isocr. at. ad Demonie.

40 Arist. de Rep. l. 5. cap. 7.

Crescit amor nummi, quantum ipsa pecunia crescit.

41 Totetus apud Stob. Serm. 92.

42 Petrarca. de prosp. fort. dial. 53.

Sallust. in fragment.

43 Joan. Garcia de nobilit. glos. 48. § 3. n. 2. Divitiæ amplæ rarò virtutis sunt comites.

44 Apud Stob. Serm. 91.

45 Ecclesiast. 8. 3. Multos enim perdidit aurum, & argentum.

46 Petrarca supra.

47 Liv. dec. 4. l. 4.

Florus l. 3. c. 2.

48 D. Paul. ad Ephef. 5. 5. Avarus, quod est idolorum servitus.

49 D. Ch. yfost. in Paul. supra Ser. 18. ad fin. tom. 4.

fabricação animaes, estes sacrificão a si mesmos: os outros defendem os seus idolos, se lhes dizem mal delles; estes não se atrevem a defender a avareza; com titulo de senhores, são escravos, possuidos, não possuidores dellas. 50 Tanto lhes falta o que tem, como o que não tem. 51 He a avareza metropole de toda a maldade, 52 destroe todo o bem, chega a desprezar a Deos, 53 & a não conhecer a natureza; houve hum pay rico, que afogou os filhos pelos não sustentar. 54

10 Nos Principes he mais fea, 55 grangealhes mais odio, escurecelhes as virtudes, & muytas vezes lhe destroe o Imperio; 56 he-lhes o mal mais cruel, 57 hum Author grave lhe chamou peste; 58 por não querer gastar se perdeu Perseo Rey de Macedonia; 59 & o Papa Clemente VII. facilitou o sacco de Roma. 60 Escrevem-se notaveis exemplos da avareza de Principes: 61 os Emperadores Didio Juliano, & Elio Pertinax, se fizeraõ ridiculos: Juliano folgava com o presente de hum leytão, ou hum coelho, & fazia de cada hum tres ceas, havendo jantado poucaservas; Pertinax convidava a jantar, & dava só alfaces, & cardos, tal vez se alargava a huma posta de carne, cuydando que hospedava bem. 62

11 Riquezas em avarento, dizia Diogenes, que são arvores em lugares inacessiveis, de que se não podem colher os frutos; & Plutarco, que são espada na mão do menino, que se fere com o instrumento inventado para o defender; 63 elles se tem por felices, porque a imaginação de que poupaõ he manna que lhes representa quanto querem de bom; o mão vestido lhes parece galante: hum pedaço de pão, a melhor iguaria: no dinheyro que deyaõ em casa, levaõ confiança á praça: todos os trabalhos que padecem guardando, lhes são suaves; como a hum amante os frios, & chuvas da noyte, na rua que passa. Mas se he felicidade guardar riquezas sem usar dellas, felicissimos são cofres, & os muros da Cidade, que as encerraõ. 64

12 Tambem se erra com prodigalidade em diferentes despesas. Huns em vestidos, ou banquetes de que já acima tratamos. 65 Outros em jogo. O Emperador Nero jogava com El Rey Mithridates, de cada parada hum milhaõ de ouro daquelle tempo, que eraõ quasi dous dos de agora pela conta de Budeo; hoje se joga muyto mais à proporção das rendas.

13 Muytos só por ostentação, sem necessidade, sustentão mais criados do que podem, & he o excessso que mais os castiga; porque são peyor servidos: sofrem mais ignorantes, & alimentação inimigos; senhores de seus amos lhes chamou o discreto Chrysofostomo. 66 Do mesmo genero são os que em carroças ricas arrastaõ a fazenda, & muytas vezes a alma.

14 Alguns se vã gloriaõ em caprichos, & obras extravagantes Philopater Rey do Egypto, com excessiva despeza fabricou huma galè para recreação das amigas, de duzentos & oytenta covados em comprido, a largura a esta proporção,

50 *Valer. Max. l. 9. c. 4. in fin. Ipse non possedit divitias, sed a divitiis possessus est; titulo Rex Inulvæ, animo pecuniæ miserabile mancipium.*

Petrarch. supra. Vi de ne non divitiarum sint, sed tu illarum; neque illa tibi servant, sed tu illis.

51 *D. Hieron. ad Paulin. Avaro tam deest quod habet, quam quod non habet.*

52 *Stobæus Serm. 10. Avaritia omnis improbitatis est metropolis.*

53 *Sallust. in Cassin. Avaritia fidem, probitatem, ceteraque bonas artes subvertit; pro his superbiam, crudelitatem, Deos negligere omnia venalia habere edocuit.*

54 *Com Stobæo refere Diogo de Payva de Anvade, no casamento porfeito c. 19. p. 155.*

55 *Gutuardin. in Hypon. polit. Avaritia in Principe modis omnibus scelerior est, & deestabilior quã in privato.*

56 *Parris. de Rep. l. 4. Avaritia magis his qui gubernat parit odium, quam cetera, & virtutes omnes enervat, & obseciores reddit, & læpe Imperia evertit.*

57 *Vulcan. Gall. in Arid. Caff. In Imperatore avaritia est acerbissimum malum.*

58 *Nacal. Com. hist. l. 3. Nihil est magis pestiferum in exercitu. Imperatoribus, quã parsimonia, & avaritia quæ privatas res alit, publicas destruit.*

59 *Pineda na Monach. Bezel. p. 2. l. 8. c. ult.*

60 *Ilibens. hist. Pont. l. 2. l. 6. c. 26. § 8. anst. med.*

61 *Refere os Mexia na Sylva l. 4. c. 13.*

62 *Textor in offic p. 2. tit. Iliberaler.*

63 *D'ogen. & Plutarcb. apud Stob. ser. 00.*

64 *Iu Xen. phont Inst. Cyr. l. 8.*

65 *Supra c. 13. ex n. 6. & c. 39.*

66 *D. Chrysof. hom. 65. ad pop. Arsiob. prope fin. in tom. Quod non est tibi servorum multitudo, hoc est à dominis esse liberatum.*



INDICE

DOS CAPITULOS DESTE LIVRO.

Capitulo I. Como os Antigos chamavaõ, pintavaõ, & veneravaõ a Fortuna. p. 493.

Capitulo II. Que cousa he Fortuna. Trata-se do acaço, sorte, & fado. 496.

Capitulo III. Como, & porque os homens desejaõ naturalmente boa Fortuna. 498.

Capitulo IV. Varias opinioens sobre o em que consiste a felicidade da Fortuna. 499.

Capitulo V. Como saõ erradas as opinioens referidas no Capitulo precedente; sendo a primeyra razãõ (entre outras mais altas) caberem muytos males em todos os bens, que ellas consideraõ. 502.

Capitulo VI. Segunda razãõ do erro das opinioens referidas no Capitulo quarto, que com nenhum dos bens, que ellas apontaõ, concorre uniaõ de todos, antes falta de muytos. 509.

Capitulo VII. Terceyra razãõ do erro das opinioens referidas no Capitulo quarto: porque em nenhum daquelles bens descansa a vontade, antes sempre deseja mais. 513.

Capitulo VIII. Quarta razãõ de não haver felicidade nos bens acima apontados: porque não tem duraçaõ. 518.

Capitulo IX. Mostra-se em que consiste o bem, & a felicidade, a que pela boa Fortuna aspira o homem naturalmente. 525.

Capitulo X. Donde procede a boa Fortuna. 529.

Capitulo XI. Que o fundamento

para dominar a Fortuna, he procurar a graça Divina. 533.

Capitulo XII. Quem quer obrar com bom fim, já leva dominada a Fortuna, que com nenhum successo lhe pôde tirar felicidade. 534.

Capitulo XIII. Como para dominar a Fortuna, he efficaz meyo a resignaçãõ na vontade de Deos. 536.

Capitulo XIV. Que o conhecimento proprio he hum dos meyos, porque a Prudencia leva o homem a dominar a Fortuna. 539.

Capitulo XV. da Magnanimidade necessaria para alcançar boa Fortuna. 545.

Capitulo XVI. Que a boa reputaçãõ conduz muyto para a boa Fortuna, & como se alcança. 549.

Capitulo XVII. Que grande parte da reputaçãõ consiste no modo, com que se falla, & algumas advertencias para elle. 551.

Capitulo XVIII. Que he meyo para a boa Fortuna grangear amigos, quaes, & como, & o modo de usar delles. 557.

Capitulo XIX. Com temperança, & moderaçaõ se deve procurar subir ao alto da Fortuna. 561.

Capitulo XX. Como a occasiãõ conduz muyto para a boa Fortuna. Que cousa he occasiãõ; donde deriva o nome; como se pintava, & venerava por Deosa. Quanto importa usar della. 562.

Capitulo XXI. Que a confiança de si mesmo he necessaria em toda a negociaçaõ acompanhada com modestia. 566.

Capitulo XXII. Da diligencia necessaria

cessaria para alcançar. 570.

Capitulo XXIII. Da perseverança necessaria, & do soffrimento. 574.

Capitulo XXIV. Se convem algumas vezes deyxar a Patria por melhorar a Fortuna. 575.

Capitulo XXV. Quando falta o successo de todas as diligencias do Mando, se ha de recorrer a Deos pela mais efficaz. 579.

Capitulo XXVI. Que se ha de esperar o remedio de Deos com animo constante. 583.

Capitulo XXVII. Que a conformi-

dade com Deos em qualquer successo dá dominio sobre a Fortuna. 586.

Capitulo XXVIII. Apona-se como se facilitará mais a conformidade com a vontade de Deos. 589.

Capitulo XXIX. Que se deve desprezar a Fortuna para seguramente a dominar. 593.

Capitulo XXX. Que finalmente com viver à razaõ, & naõ ao costume se domina a Fortuna. 596.

Capitulo XXXI. Que a summa felicidade da Fortuna he morrer bem; & sobre tudo se deve procurar. 598.

FINIS.



Capitulo XXXII. Da diligencia necessaria

Capitulo XXXI. Que o fundamento

capitulo para alcançar. 370.

Capitulo XXIII. Da perseverança de
gracia, & do tormento. 371.

Capitulo XXIV. Se convem algumas
vezes deixar a Patria por melhoror a
Fortuna. 374.

Capitulo XXV. Quando falta o
succello de todas as diligencias do Mu-
do, se ha de recorreer a Deos pela mais
efficaz. 379.

Capitulo XXVI. Que se ha de espe-
rar o remedio de Deos com animo conf-
ante. 383.

Capitulo XXVII. Que a co. forca-

da com Deos em qualq. successo de
continuo sebra a Fortuna. 386.

Capitulo XXVIII. Quando se convem
seceditar a mais continuidade com a
vontade de Deos. 389.

Capitulo XXIX. Que se deve despar-
zar a fortuna para seguramente a domi-
nar. 393.

Capitulo XXX. Que finalmente con-
viva a razão, & não se contenta se-
trina a Fortuna. 396.

Capitulo XXXI. Que a somma in-
vidiã da Fortuna he morrer bem, & se
he tudo se deve procurar. 398.

FINIS.



